FICAR NA CASA DOS PAIS

Contextos residenciais e familiares dos estudantes do ensino superior

Susana da Cruz Martins (CIES-IUL, susana.martins@iscte.pt),

Rosário Mauritti (CIES-IUL, rosario.mauritti@iscte.pt)

Resumo

Sendo conhecido que a maioria dos estudantes que frequenta actualmente o ensino superior em Portugal permanece em casa dos pais/familiares, pelo menos enquanto perdura a respectiva formação, poder-se-á clarificar qual a importância de outros contextos residenciais relativamente a este segmento de estudantes. Esta realidade será ainda equacionada à luz de dimensões de caracterização dos vários tipos de instituição de ensino e de formação, dos contextos familiares, profissionais e regionais, bem como de traços sociodemográficos destes estudantes (como a idade, o sexo, etc.). A análise integrada de um vasto conjunto de indicadores de caracterização e de valores e atitudes permitirá aferir, no quadro da informação disponível, sobre se tais contextos residenciais decorrem mais de escolhas ou de constrangimentos, ou, ainda, se estão mais associados a aspectos culturais ou a imperativos de organização social e institucional.

Para esta apresentação propõe-se, adicionalmente, uma perspectiva articulada que permita interpretar a diversidade dos contextos residenciais dos estudantes portugueses do ensino superior, estabelecendo um retrato sobre o complexo de relações que esses contextos podem ter com diferentes experiências escolares, sociais e de trabalho. A proposta analítica, embora com aprofundamentos ao nível da realidade portuguesa, mobilizará indicadores de comparação europeia e de posicionamento de Portugal no espaço europeu alargado, identificando-se as principais semelhanças e diferenças entre os vários países e regiões europeias. A principal fonte de informação utilizada na análise é a difundida no âmbito do Projecto Eurostudent, tanto na sua vertente internacional (Eurostudent III, 2008) como na nacional (fazendo-se uso dos dados recolhidos através do Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior 2007).

Palavras-chave: autonomia, habitação, família, comparação europeia

Primeiras notas

Alguns acontecimentos de mobilização recente têm dado, à saciedade, motivos de perplexidade, na forma como se encara a condição juvenil. Mas nem todos os seus entendimentos convergem num cenário único, monocular, de olhar *uma* juventude ou mesmo *uma* geração. Esta perspectiva de diversidade estará sempre presente no conjunto de análises que agora se propõe.

Os dados que se apresentam de seguida permitem olhar para um segmento de jovens muito específico e que contem, também no seu interior, diferenças assinaláveis – são eles os estudantes do ensino superior.

Um dos aspectos mais relevantes e que tem contribuído para a análise dos contextos de vida dos jovens, logo a seguir ao que em muitos fóruns tem sido considerado como os aspectos mais problemáticos, como é a fragilidade ou precariedade dos vínculos de trabalho, diz respeito aos contextos de residência dos jovens, constituindo tal dimensão uma das manifestações mais concretas da sua difícil autonomização. Em Portugal, este aspecto é reforçado dada a circunstância de viverem em casa dos pais de forma estendida no tempo. Uma das razões evocadas para tal prende-se com o prolongamento dos estudos, realidade cada vez mais alargada aos jovens portugueses.

A análise desenvolvida tem como suporte empírico os dados parcelares do Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior (Martins, Mauritti, Costa, 2008), aplicado durante o primeiro semestre de 2006. Esta operação de inquérito foi levada a cabo a propósito da 2ª participação portuguesa na Rede Europeia Eurostudent. Alguns dos dados apresentados para análises comparativas reportam-se, precisamente, ao relatório (HIS, 2008) que toma por referência o Projecto Eurostudent IV (a 4ª edição deste projecto).

Onde vivem os estudantes do ensino superior? ... Contextos de residência em tempo de aulas

A história recente do ensino superior em Portugal tem conhecido uma evidente expressão de um progressivo e paulatino alargamento social, mesmo que as marcas das diferenças de oportunidades no acesso a este nível de ensino ainda persistam (Almeida e outros, 2003; Alves, 2005; Balsa e outros, 2001; Martins, Mauritti e Costa, 2005 e 2008,

e Mauritti e Martins, 2007). As condições de vida destes estudantes, em Portugal, muito marcadas pelo facto de a continuidade da escolarização ter como reverso o retardamento da inserção na vida activa e da saída de casa dos pais, fundamenta que no conhecimento desta realidade seja crucial a caracterização social das suas famílias de origem. (Martins, Mauritti e Costa, 2005 e 2008; HIS, 2005 e 2008).

De acordo com os dados apresentados na figura 1, a larga maioria dos estudantes que frequenta o ensino superior em Portugal permanece em casa dos pais/familiares (55%), pelo menos enquanto dura a respectiva formação.

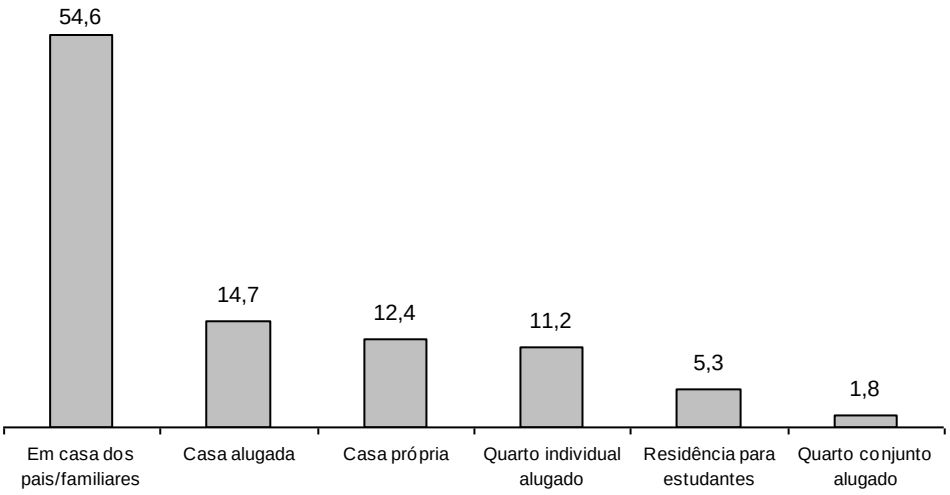

Figura 1 Residência em período lectivo (%)

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior, 2006

Entre os que não residem nesse contexto, pouco mais de 1/4 está em casa própria ou alugada tendo já constituído, porventura, um núcleo conjugal, enquanto os restantes estão inseridos em quadros residenciais de carácter mais transitório, seja em quarto alugado individual (11%) ou partilhado (2%), seja em residências de estudantes para acolhimento dos deslocados (5%).

***Quem fica e quem sai de casa dos pais?* … Breve caracterização sociodemográfica e familiar**

Alguns dos traços sociodemográficos permitem fazer um reconhecimento do perfil prevalecente em cada um destes contextos.

A abordagem dos padrões de residência segundo a idade introduz nesta análise alguns elementos de esclarecimento quanto ao perfil dos estudantes que residem nos vários modos de alojamento. Até aos 24 anos, idade que permite a conclusão do ensino superior , viver com os pais é absolutamente prevalecente no quadro das várias possibilidades residenciais.

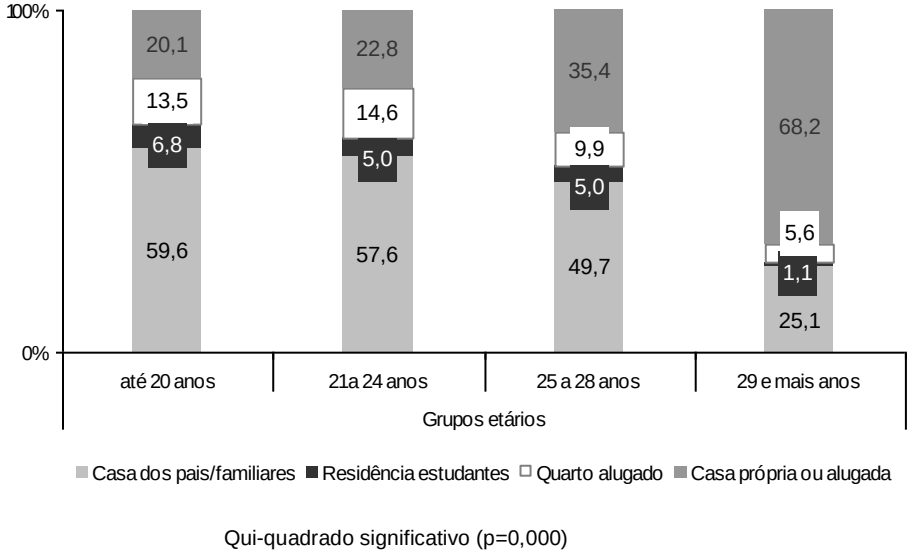

Figura 2 Residência em período lectivo, segundo escalão etário (%)

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior 2006.

Reflectindo, claramente, protagonismos de maior autonomia, nos patamares etários mais elevados (embora com expressão minoritária no total de estudantes), encontramos um reforço importante do alojamento em casa própria ou alugada (acima de 2/3 dos estudantes com 29 e mais anos; um pouco mais de 1/3 do escalão com 25 a 28 anos).

A condição estudantil destes indivíduos – ainda que, por vezes, conjugada com algum envolvimento no mercado de trabalho – contribui para que, mesmo nestas idades, sejam ainda relevantes os valores dos que residem em casa da família de origem (25%, no caso dos mais velhos; 50% na faixa etária entre os 25 e 28 anos).

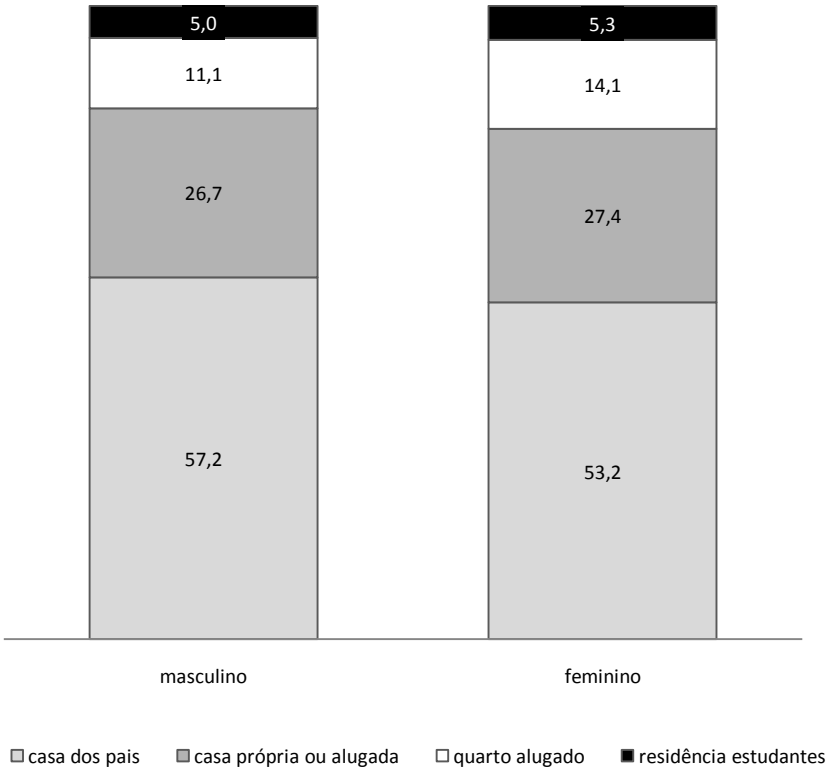

Figura 3 Residência em período lectivo segundo o sexo (%)

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior, 2006.

As diferenças por sexo, nomeadamente por relação à idade, parecem não ter muito relevo na forma como os estudantes se distribuem nas várias modalidades residenciais. Embora se reconheça, uma antecipação moderada à autonomização residencial no feminino.

Mas em que medida os estudantes concretizaram já alguma transição familiar, quer em termos conjugais e/ou parentais?

É esta questão que se procura aprofundar a partir dos dados apresentados. Mais de 80% dos estudantes encontram-se na situação de solteiro e apenas 5% têm filhos. Quem vive em casa dos pais, como seria de esperar, ainda não constituiu uma família própria, aspecto expresso na ausência de uma conjugalidade que implique a coabitação ou a parentalidade. Este aspecto replica no segmento dos jovens que frequentam o ensino superior, as difíceis e tardias transições para a vida adulta dos jovens, observadas nos portugueses em geral (Guerreiro e Abrantes, 2004 e 2005; Pappámikail, 2004).

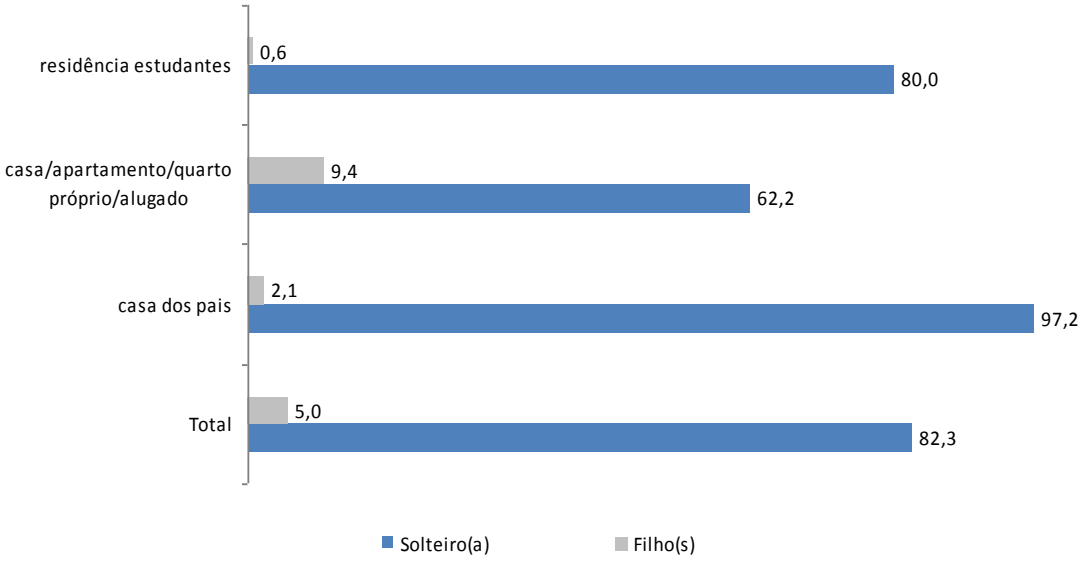

Figura 4 Residência em período lectivo segundo a % de estudantes com filhos e a % de estudantes solteiros

Qui-quadrado significativo (p=0,000)
Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior, 2006.

Embora em situações de maior autonomização residencial essa também não seja a realidade prevalecente, onde quase 2/3 dos estudantes se mantêm numa situação de solteiro e menos de 10% têm filhos.

Quem fica e quem sai de casa dos pais?… Contextos escolares e profissionais

Na análise das configurações dos contextos de vida e condições de residência destes jovens que estão hoje o ensino superior, o tipo de instituição de ensino que frequentam e o tipo de relação que têm com trabalho são indicadores incontornáveis.

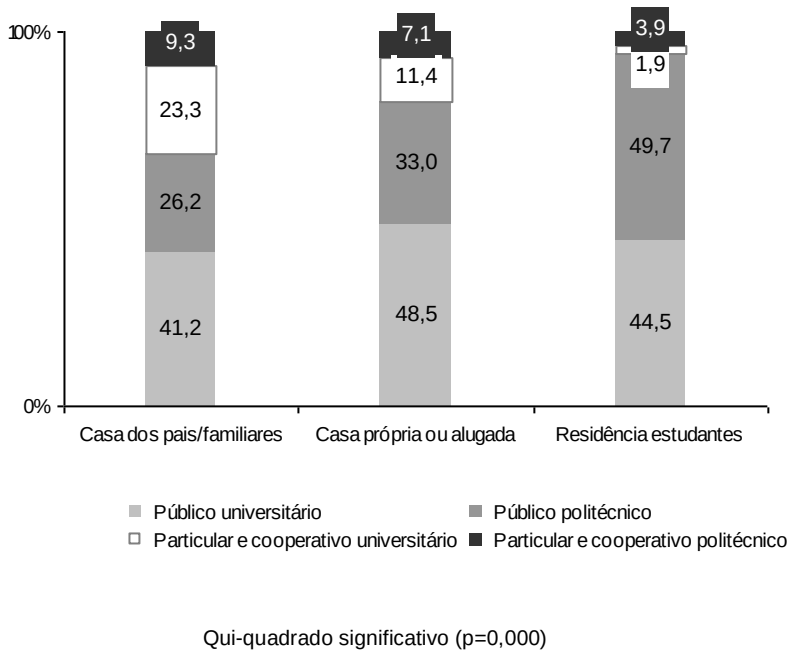

Figura 5 Residência em período lectivo, segundo o subsistema e sector de ensino que frequentam (%)

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior, 2006.

A análise agora proposta permite-nos em cada tipo residencial conhecer a prevalência dos vários inscritos no ensino superior por subsistema e sector de ensino.

No conjunto, verifica-se que o estar em casa dos pais/familiares é a situação residencial, face aos outros formatos de residência, onde a inscrição no sector particular e cooperativo, e dentro deste o subsistema universitário, é mais evidente. Para alguns estudantes e/ou respectivas famílias, o ensino privado universitário parece assim constituir uma alternativa à saída de casa para estudar.

Assim, é nos segmentos dos estudantes que residem em casa própria/alugada e em residências onde existe maior concentração de efectivos no sector público.

A sua distribuição não é contudo uniforme nos dois subsistemas universitário e politécnico. Observa-se que o politécnico tende a ter maior proporção de estudantes alojados em residências apoiadas pelo estado. Já o sector público universitário acolhe um maior peso dos que residem em casa própria ou alugada. Estas distribuições remetem para a composição social dos dois subsistemas universitário e politécnico.

No que respeita aos estudantes que exercem trabalho remunerado, são pouco mais de ¼ os que o fazem de forma mais permanente ou ocasional (figura 6).

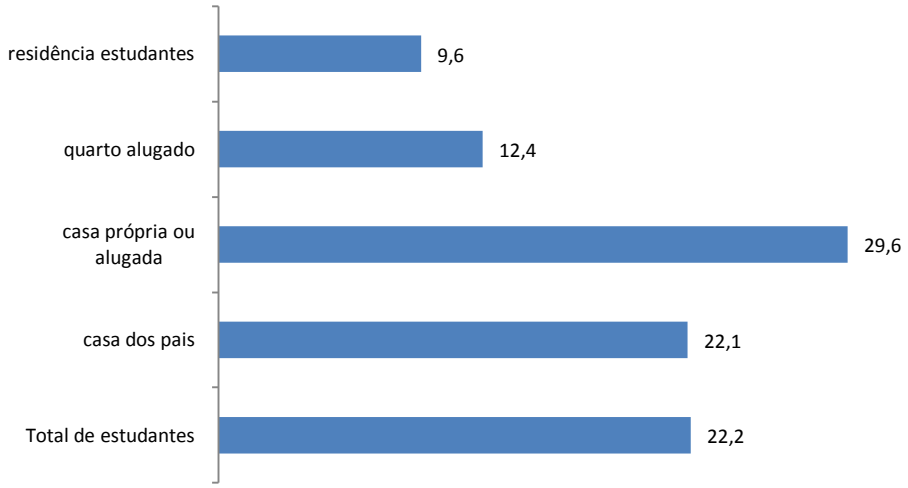

Figura 6 Estudantes com actividade remunerada segundo o tipo de residência em período lectivo (%)

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior, 2006.

Esse valor ganha a sua maior expressão em situações residenciais que apontam para uma maior autonomização da família de origem (quase 30%), mas ainda assim não se trata de uma realidade maioritária. A casa dos pais evidencia a inactividade, enquanto moda estatística, e dá conta de que se está em casa dos pais com tudo o que isso permite, face a uma situação de dependência familiar. As outras situações residenciais, que se referem a estudantes deslocados, mas cunhadas pela sua transitoriedade, evidenciam uma condição estudantil que não se partilha com outras condições, nomeadamente com a vida activa.

A minha alegre casinha… Avaliações sobre a situação residencial

Nesta breve caracterização dos contextos de residência dos estudantes do ensino superior, importa ainda analisar as avaliações dos próprios relativamente às condições de alojamento. É esta abordagem que se desenvolve a partir dos dados apresentados na figura 7, diferenciando as apreciações dos estudantes segundo os diferentes quadros de residência em período lectivo.

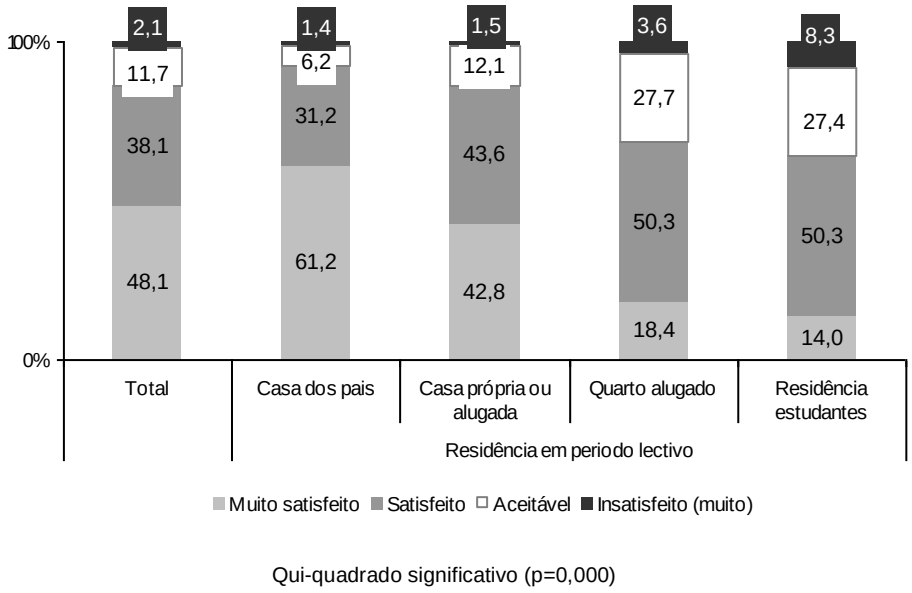

Figura 7 Avaliações sobre condições de alojamento, por contexto de residência em período lectivo (%)

Nota: No indicador que referência esta análise os estudantes são convidados a descrever alguns "aspectos das suas condições de vida", entre as quais o alojamento. A escala original diferencia nos patamares de insatisfação os insatisfeitos e muito insatisfeitos. A pouca expressão destas categorias no total de estudante levou-nos à agregação num único grau "Insatisfeitos (muito)".

Fonte: CIES-ISCTE, Inquérito às Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior, 2006.

No geral, os estudantes revelam-se satisfeitos, ou mesmo muito satisfeitos, com as respectivas condições de alojamento (das 86% de avaliações positivas, destaque-se 48% que se referem aos estudantes muito satisfeitos), sendo residuais os que se posicionam em patamares de insatisfação (2%).

A análise por contextos de alojamento introduz neste quadro global variações muito significativas, dando conta que a incidência de maior satisfação está sobretudo concentrada no segmento que coabita com a respectiva família de origem: quase 2/3

destes estudantes declaram-se muito satisfeitos com as respectivas condições de alojamento e apenas uma minoria considera-as aceitáveis (6%) ou insuficientes (1%). Este padrão, ainda que de forma menos acentuada, é observável no sector de estudantes que vivem em casa própria ou alugada. As diferenciações destes dois segmentos face aos que estão alojados em quarto alugado ou em residências decorrem essencialmente do menor peso relativo que aqui detêm os muito satisfeitos (18% dos que estão em quarto alugado; 14% dos alojados em residências) e, simultaneamente, da maior proporção de avaliações que posicionam as condições de alojamento como apenas aceitáveis (pouco mais de ¼) ou mesmo insatisfatórias: estas últimas mais incidentes no conjunto de estudantes alojados em residências, embora pouco ultrapassem os 8%.

Portugueses entre europeus: contextos residenciais e profissionais

Depois de um enfoque sobre a realidade portuguesa, propõe-se uma olhar de tipo comparativo centrado no contexto europeu. De acordo com os dados da figura 8, na generalidade dos países europeus os estudantes do ensino superior fazem coincidir a saída de casa dos pais com o acesso a este nível de ensino. As excepções neste cenário remetem-nos para os países do Sul, em particular, Itália, Espanha, Eslovénia, Portugal .

Refira-se que o fenómeno de retardamento da saída de casa dos pais/familiares tem sido amplamente analisado por diversos autores.[1] As razões destes padrões, articulam orientações para autonomia por parte do estado providência (por exemplo na Noruega a possibilidade de o estudante ter acesso a uma bolsa está condicionada pela independência residencial face à família de origem); com a localização das instituições de ensino (mobilidade residencial em período lectivo), e com valores culturais ligadas à relação «umbilical» entre os jovens e respectivas famílias.

[1] Veja-se, por exemplo, Almeida e outros, 2003; Bence, 1982; Bertolini, Gonzalez e Naldini, 2006; Brannen e Smithson, 1998; Cordón, 1997; Galland, 2000; Gauchet, 2004; Guerreiro e Abrantes, 2004 e 2005; Holdsworth, 2004; Pais, 1996 e 1998; Pappámikail, 2004; Schneider, 2000).

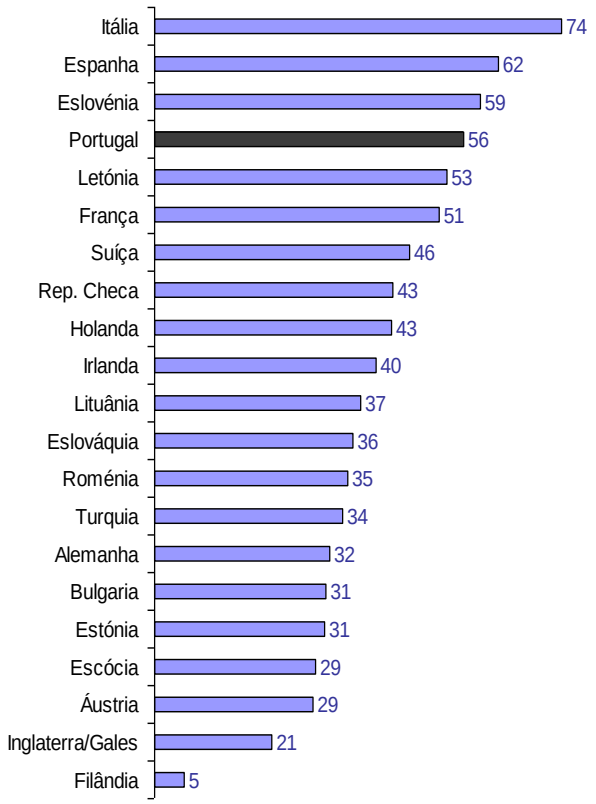

Figura 8 Estudantes do ensino superior a viver com os pais/famílias na Europa (%)

Fonte: HIS, Eurostudent III (2008).

Neste sentido, estudos sectoriais, dirigidos a populações específicas, como é o caso dos estudantes do ensino superior, indicam haver uma correlação positiva entre a autonomia residencial e financeira face à família de origem e intervencionismo do estado, seja através de transferências directas ao estudante – com variantes expressivas entre os países nórdicos, onde a base de dotação do empréstimo/bolsa toma por referência as condições financeiras e escolares do estudante, tendo em vista um apoio explícito à promoção da sua autonomia, e, por exemplo, os do sul, com lógicas familiaristas no enquadramento desses apoios, no geral envolvendo também quantitativos médios mais baixos –; seja pela dotação de infraestruturas de acolhimento residencial (mais limitadas a sul – e daí, também, a menor presença relativa nestes países de estudantes alojados em residência (HIS, 2005, 2008; Otero e McCoshan, 2006).

O exercício de uma actividade remunerada (e os rendimentos daí provenientes) é outro aspecto que não pode deixar também de ter influência neste padrão de residência dos estudantes. Já aqui foi analisada a tendência de crescimento da taxa de estudantes

portugueses que exercem uma actividade remunerada, os dados da figura 9 apresentam uma perspectiva comparada da posição dos estudantes portugueses no contexto europeu.

Podemos constatar que a crescente mobilização dos estudantes no exercício de actividade remunerada, indicia a importância do trabalho e, especialmente, dos rendimentos daí provenientes, na concretização de estratégias de autonomia por parte dos estudantes, quer face às respectivas famílias de origem, quer eventualmente em relação aos apoios públicos do estado.[2] Acresce que algumas pesquisas desenvolvidas designadamente em Portugal, indicam que o desempenho de uma actividade profissional, mesmo que a título precário e de forma pouco articulada com a formaçãobase investida no ensino superior, é um elemento que pode fazer a diferença no sentido da valorização do curriculum por parte das entidades empregadoras, sendo visto como indicador de iniciativa e empreendorismo dos indivíduos.[3]

Como se pode observar na figura 9, na generalidade dos países pelo menos 50% dos estudantes exercem algum tipo de actividade remunerada. Apenas na Turquia, Portugal e Espanha esse peso é inferior a 1/3.

Importa notar que nos países onde o trabalho remunerado faz parte da gestão semanal dos tempos dedicados a diversas actividades, aquele é exercido, com frequência, a tempo parcial e com vínculos contratuais precários. Contudo a importância que reveste na manutenção das condições de vida do estudante está claramente manifesta no peso que detêm as remunerações de trabalho nos orçamentos médios mensais de rendimentos que os estudantes em autonomia residencial têm disponíveis (HIS, 2005:69; 96; Martins e outros 2008).

[2] Veja-se, por exemplo, os trabalhos de Pais e Chisholm, 1997; Brannen e Smithson, 1998; Kugelberg, 1998; Pais, 1996 e 1998; Galland, 2000; Schneider, 2000; Golsh, 2002; Heath e Cleaver, 2003; Gauchet, 2004; Guerreiro e Abrantes, 2004 e 2005; Holdsworth, 2004; Goodwin e O'Connor, 2005.
[3] Ver a este respeito os contributos de Luísa Oliveira (2003) e Mariana Gaio Alves (2007).

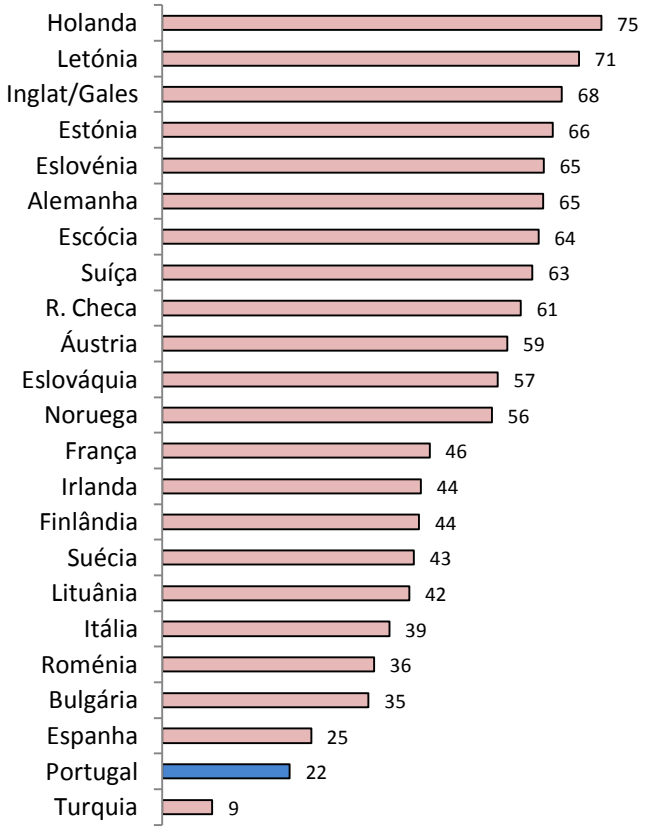

Figura 9 Estudantes do ensino superior com trabalho remunerado na Europa (%)

Fonte: HIS, Eurostudent III (2008).

Razões culturais, razões que se pendem com a idade dos estudantes (em Portugal com perfis médios mais novos), oportunidades de trabalho a tempo parcial e os próprios programas de estudos (carga horária e área de ensino) são aspectos indissociáveis destes protagonismos.

Notas finais

Um dos aspectos que fica muito sublinhado ao longo de toda esta apresentação, e dos dados que a suportaram, é o facto de os estudantes do ensino superior permanecerem em casa dos pais, de forma dominante, durante toda a sua formação, dando primazia à condição estudantil e retardando a constituição da sua própria família e de uma actividade remunerada. Estes processos não são, com certeza, monocausais, tendo tanto manifestações culturais e de organização social, como constrangimentos de grande

significado no que respeita à capacidade material das famílias em manterem os seus filhos numa formação de tipo superior. Este perfil de residência tem maior relevância para os estudantes portugueses, e da Europa do Sul em geral, do que para os estudantes de outros países europeus, que têm uma capacidade maior para a autonomização face às suas famílias de origem (HIS, 2005 e 2008).

O trabalho surge nestas análises como uma dimensão de forte articulação na clarificação dos contextos residenciais destes estudantes. Alguns estudos internacionais têm destacado esta questão como um dos vectores de maior convergência, quer numa alteração das orientações e autoposicionamentos dos jovens face aos respectivos contextos familiares e em relação aos próprios apoios do estado, quer na transformação intensa quanto à forma como (se) projectam no futuro. Todas estas dimensões permitem melhor aclarar os ângulos de uma trama complexa da(s) vida(s) de estudante, sobretudo no que toca a processos de autonomização, designadamente aqueles que se referem a uma emancipação residencial de carácter duradouro.

Bibliografia

Almeida, João Ferreira de, Patrícia Ávila, José Luís Casanova, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Susana da Cruz Martins, e Rosário Mauritti (2003), *Diversidade na Universidade: Um Inquérito aos Estudantes de Licenciatura*, Oeiras, Celta.

Alves, Marina Gaio (2007), *A Inserção Profissional de Diplomados de Ensino Superior Numa Perspectiva Educativa: O Caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Alves, Natália (2005), *Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados, 1999-2003*, Lisboa, Universidade de Lisboa.

Balsa, Casimiro Marques, José Vasconcelos Simões, Pedro Belchior Nunes, Renato Emídio do Carmo, e Ricardo Oliveira Campos (2001), *Perfil dos Estudantes do Ensino Superior: Desigualdades e Diferenciação*, Lisboa, Edições Colibri.

Bence, Evelyn (1982), *Leaving Home: The Making of an Independent Woman*, Philadelphia, Bridgebooks.

Bertolini, Sonia, Maria José Gonzalez e Manuela Naldini (2006), "Unstable careers and family formation on different institutional contexts", em Silke Schneider (org.), *EMPLOY and FAMNET Research Groups Combined State of the Art Report*, EqualSoc: Economic Change, Quality of the Life & Social Cohesion, pp. 42-70.

Brannen, Julia, e Janet Smithson (1998), "Conciliação entre o trabalho e os filhos: perspectivas de futuro para jovens de cinco países", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 11-25.

Cordón, Juan Antonio Fernández (1997), "Youth residential independence and autonomy", *Journal of Family Issues*, 18 (6), pp. 576-607.

Galland, Olivier (2000), "Entrer dans la vie adulte: des étapes toujours plus tardives mais resserrées", *Économie et statistique*, 337-338, pp. 13-36.

Gauchet, Marcel (2004), "La redéfinition des âges de la vie", *Le Débat*, 132, pp. 27-44.

Golsh, Katrin, (2002), “Employment flexibility in spain and its impact on transitions to adulthood”, Centre d’Estudis Demogràfics, em: http://www.ced.uab.es/publicacions/ PapersPDF/Text208.pdf (10, 2005).

Goodwin, John, e Henrietta O'Connor (2005), "Exploring complex transitions: looking back at the 'golden age' of from school to work", *Sociology*, 39(2), pp. 201-220.

Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes (2004), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros/Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes (2005), "Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (58), pp. 157-212.

Heath, Sue, e Elizabeth Cleaver (2003), *Young, Free and Single? Twenty-somethings and Household Change*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan.

HIS (2005), *Eurostudent Report 2005: Social and Economic Conditions of Student Life in Europe 2005*, Hanover.

HIS (2008), *Eurostudent III 2005-2008: Social and Economic Conditions of Student Life in Europe*, Hanover.

Holdsworth, Clare (2004), "Family support during the transition out of the parental home in Britain, Spain and Norway", *Sociology*, 38(5), pp. 909-926.

Kugelberg, Clarissa (1998), "Imagens culturais dos jovens suecos sobre o início da vida adulta", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 41-57.

Martins, Susana da Cruz, Rosário Mauritti e António Firmino da Costa (2008), *Estudantes do Ensino Superior: Inquérito às Condições Socioeconómicas, 2007*, Temas e Estudos de Acção Social - 7, Lisboa, DGES - Direcção Geral do Ensino Superior.

Martins, Susana da Cruz, Rosário Mauritti, e António Firmino da Costa (2005), *Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior em Portugal*, Lisboa, DGES-MCTES.

Mauritti, Rosário, e Susana da Cruz Martins (2007), "Estudantes do ensino superior: condições de vida e contextos sociais", em António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, e Patrícia Ávila (orgs), *Transformações Estruturais e Sociedade do Conhecimento*, Oeiras, Celta.

Oliveira, Luísa (2003), *A Mão Visível da Inovação: A Construção Social das Técnicas e dos Mercados*, Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

Otero, Manuel Souto, e Andrew MacCoshan (2006), *Survey of the Socio-Economic Background Of ERASMUS Students*, Birmingham, Comissão Europeia: Educação e Cultura (Anexos técnicos do relatório final).

Pais, José Machado (1996), "A geração yô-yô: uma nova condição juvenil?" em, *Dinâmicas Multiculturais, Novas Faces Outros Olhares: As Ciências Sociais nos Países de Língua Portuguesa e os Desafios Contemporâneos*, Actas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Pais, José Machado (1998), "Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?" em Manuel Villaverde Cabral, e José Machado Pais (orgs.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta, pp. 189-214.

Pais, José Machado, e Lynne Chisholm (orgs.) (1997), *Jovens em Mudança: Actas do Congresso Internacional Growing up Between Centre and Periphery*, Lisboa, 2-4 de Maio de 1996, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Pappámikail, Lia (2004), "Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 91-116.

Schneider, Judy (2000), "The increasing financial dependency of young people on their parents", *Journal of Youth Studies*, 3 (2), pp. 5-20.